

Editorial

Relações entre cultura e personalidade fazem parte de uma longa tradição antropológica. Mais recente, e menos trabalhada por especialistas, são as relações entre cultura e psiquismo, principalmente quando este inclui o inconsciente freudiano.

A cultura é conjunto de normas e valores significantes que se manifesta por meio de estrutura, ou seja, de comportamentos humanos repetitivos e padronizados. Algumas dessas normas e valores são de tal forma gerais que se denominam instituições. Assim, por exemplo, a família, a igreja, a unidade economicamente produtiva, são instituições.

Há, também, em toda sociedade complexa, uma controvertida manifestação cultural denominada raça. Essa manifestação não encontra fundamento anátomo-fisiológico, ainda que se baseie em certas características físicas.

Toda sociedade complexa é, nesse sentido, multirracial. Assim, tradicionalmente o Brasil é considerado uma sociedade composta por três raças e suas combinações, que são definidas, principalmente, pela cor da pele: a branca, a negra e a amarela ou indígena. Além disso, cada uma dessas raças apresenta um universo característico de normas e valores. Muitas normas e valores são suficientemente gerais e legítimas e englobam todas as raças. Outras são específicas e delimitam a cultura de uma determinada raça.

A noção de raça é, portanto, um significante classificatório que serve para estabelecer diferenças entre pessoas e coisas. Ocorre, porém, que o Brasil é, também, uma sociedade democrática, ou seja, uma sociedade onde esses sistemas classificatórios que servem para delimitar e definir diferenças quase nunca são respeitados. Observa-se, então, isso que alguns denominam de miscigenação, ou seja, elementos de raças diferentes se misturam através de casamentos e da procriação, gerando elementos combinados, distintos de seus antepassados.

Por outro lado, ainda que o psiquismo seja uma organização narcísica do vazio, ele é ocupado por objetos significantes que são introjetados por meio de um complexo processo de herança cultural. Assim, um elemento

branco de uma longa filiação branca apresenta um universo psíquico da cultura branca. Isso não ocorre, entretanto, com elementos miscigenados, que apresentam um universo psíquico pertencente a duas ou mais culturas.

Em qualquer uma das raças, o psiquismo pode se apresentar mais ou menos integrado, ou seja, o universo de objetos internalizados pode se apresentar cindido, fraturado, sem integração. Nesse caso, pode-se dizer que tal psiquismo apresenta uma organização esquizofrênica. Em tais psiquismos, o fenômeno da articulação e integração dos objetos dá lugar a repetidas cisões, separações.

O que dizer, entretanto, do psiquismo de elementos miscigenados?

Nesse caso, a suposição de um universo objetal relativamente integrado é, no mínimo, inadequada, pois há a convivência de objetos de diferentes tradições culturais que foram justapostos pelo processo de miscigenação e que não podem se integrar devido às forças tradicionais que representam. Assim, se um mulato abre mão das normas e valores da cultura negra em nome de uma integração à cultura branca, ele pode perder parte de seu universo objetal e criar um vazio interior que impede que se reconheça como parte de uma tradição. O mesmo pode ocorrer com relação à cultura branca. Ora, em situações miscigenadas, estamos, então, tratando de cisões psíquicas não esquizofrênicas, mas legitimamente culturais. Um mulato pode ser ora negro, ora branco, e seu sentimento de fragmentação não se constitui como defesa intrapsíquica. Trata-se, na verdade, de uma forma de cisão legítima e institucionalizada que produz uma forma de existência aparentemente esquizofrênica sem o ser. Enquanto a esquizofrenia é um modo de defesa, produzindo sintomas, a cisão cultural decorrente da miscigenação só aparentemente é sintomática.

Uma sociedade multirracial, como a brasileira, em que a miscigenação é uma norma que regula valores instituídos, apresenta, então, formas de cisões intrapsíquicas que não decorrem de mecanismos propriamente endógenos, ou seja, próprios da dinâmica intrapsíquica. Mas ocorrem graças a mecanismos da própria dinâmica estrutural da sociedade e, por isso, podem ser considerados exógenos.

A denominada política de inclusão, que vem sendo postulada por certas facções da sociedade brasileira, precisa, então, levar em consideração a seguinte questão: como “integrar” o negro ou mulato no mundo dos brancos – pois muitas vezes é disso que se trata – sem que estes percam a sua identidade cultural. Além disso, uma questão psicopatológica associada se refere à “integração” onde mundos objetais serão preservados no psiquismo, sem se constituir num transtorno ou numa doença. Em outras palavras, como integrar universos objetais diferentes no interior de um mesmo aparelho psíquico sem estigmatizar ou mesmo diagnosticar o sujeito?